

# Artigos

---



# “RUMO AO POLO NORTE” OU A CONSTRUÇÃO DE UMA BORDA PARA O GOZO QUE EXPLODIA

---

*Beatriz Oliveira*

Psicanalista, membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

E-mail: biaoliv@uol.com.br

**Resumo:** Este artigo apresenta a discussão da direção do tratamento psicanalítico num caso de psicose infantil. Foi ao longo de seu tratamento que a questão diagnóstica foi se impondo, tomando como referência a relação entre o sujeito e o significante. Diante da suposição de que fosse possível acompanhar uma cadeia significativa para que se produzisse um efeito subjetivo, o que se constatou foi uma passagem ao ato. Nesse sentido, vale destacar a importância da relação ao significante como um elemento para a determinação do diagnóstico.

**Palavras-chave:** psicanálise; psicose infantil; clínica psicanalítica; passagem ao ato.

**Abstract:** This article discusses the psychoanalytic treatment direction in a case of child psychosis. The diagnostic issue posed itself as treatment unfolded, taking as a reference the relation between the subject and the signifier. Given the assumption that it might be possible to follow up a signifying chain so that a subjective effect was produced, a passage to the act was found out. Thus, it is worth emphasizing the importance of the relation to the signifier as an element to determine the diagnosis.

**Keywords:** psychoanalysis; child psychosis; psychoanalytic clinic; passage to the act.

Gostaria de apresentar este caso, pois foi ao longo de seu tratamento que a questão diagnóstica foi se impondo, tomando como referência a relação do sujeito com o significante. A princípio, supus que seria possível acompanhar uma cadeia significativa para que se produzisse um efeito subjetivo, mas o que pude constatar foi uma passagem ao ato. Nesse sentido, gostaria de pôr em discussão a importância da relação

ao significante como um elemento para a determinação do diagnóstico. Para esta apresentação, dividi este texto em três tempos, de acordo com os recortes que fiz do tratamento desse caso.

### **0 primeiro tempo – “A explosão do Gozo”**

Pedro chega a nosso primeiro encontro muito angustiado. Assim que entra na sala, separa o tabuleiro de damas e espalha as peças sobre ele. As peças se encontram, se *comem* e se *explodem*. Diz que uma girafa *comeu* uma pessoa no zoológico que ficou na barriga dela. A girafa *explodiu* e a pessoa saiu viva de lá. A baleia engole o Gepeto, o Pinóquio vai salvar e também é engolido, fazem uma fogueira enorme e ela *explode*. A baleia *come* eles de novo e *explode* outra vez. Pedro demorou para começar a falar e falava muito errado. Agora já falava sem trocas, mas não estava conseguindo se alfabetizar. Os pais dizem que Pedro insiste em falar que quer voltar para a barriga da mãe, que não quer morrer. Na sessão, Pedro diz: “*não quero ver minha mãe sofrer, não deixo meu pai beijar demais, não quero morrer*”.

Ele relata um episódio na escola: as *meninas* entraram no banheiro e fizeram muito *cocô*, esse cocô vai se acumulando. O xixi sai pela boca, fazem cocô, xixi e vômito. Pergunto a respeito dos meninos e ele responde: “*Nessa história não tem meninos*”. Diz que está com saudades da mãe e que a chama de “*minha privada entupida*”. (De quê?) Ele diz que era uma brincadeira e lhe pergunto: De Cocô? “*É*”. (Como desentupir a privada?). “*Não tem jeito, o cocô parou no cano, o cocô secou*” (E se o problema for da privada?). “*Ou ela está viva, ou gostou do cocô*”. Chama minha atenção que, em seguida a essa sequência, ele *explode* – fica pulando pelos móveis da sala, grita, quer sair pela janela.

Nesse primeiro tempo de seu percurso, sempre que vai iniciar algum jogo, Pedro propõe o *jóquei-pô* apenas com dois elementos e ele não suporta perder. Conta a história do Hércules, que tentou cortar as cabeças da Hydra, mas sempre aparecia mais; ele caiu no rio da *morte*, mas foi salvo por uma *mulher*. Diz que seu pai trabalha na construção de aviões, o maior deles é o Jumbo, mas sua mãe tem medo que o Jumbo atropela ele.

Em uma das sessões em que ele perde no *jóquei-pô*, pede para jogarmos de novo. Resolvo sustentar a validade de sua perda e ele esperneia diante da janela, até que quebra o vidro, como consequência de sua “*explosão*”.

Estabeleci o trabalho com Pedro até aqui, correlativo a um primeiro tempo que culmina com o gozo que explode pela janela. Lacan diz que "(...) faltando significante, não há distância entre o gozo e o corpo" (LACAN, 1969/1992, p. 168). Com sua explosão, parece ter ficado claro que o significante não serviu como resposta à intervenção que o convocou a se responsabilizar por uma perda, esta resposta ocorreu com seu Ser. É como corpo-objeto-cocô que Pedro se oferece, fazendo uma passagem ao ato. Um ato que não foi qualquer, mas que provoca um furo na janela por onde várias vezes ele tentou sair.

Podemos fazer até aqui uma seleção de significantes que retornam: comer, explodir, morrer, meninas, cocô. Tratava-se de um cocô que entupia sua mãe-privada, mas a única saída que se colocava era a explosão, uma explosão mortífera com a qual esse cocô não queria consentir. Ao mesmo tempo, havia um sofrimento grande em relação a esse gozo de se fazer entupir a privada, um sofrimento que aparecia diante do fazer o outro morrer. Ou seja, parecia não haver como se defender desse lugar de objeto de gozo para o Outro. A partir da tese de que um filho encarna para sua mãe a possibilidade de recuperação do gozo perdido ao falar, podemos entender que esse cocô realiza essa recuperação. Mas a questão é que Pedro parece ter consentido com esse lugar ao mesmo tempo que procura uma saída.

### **O segundo tempo – A construção de uma borda**

O gozo explodiu pela janela. Diante dessa passagem ao ato, dessa invasão de gozo, fiz uma intervenção. Pergunto a Pedro como será que um cocô poderia virar um moleque? Ainda supus que seria possível uma resposta ao nível do significante. A que ele responde: "Aquele cocô ficou podre e cheio de mosca". Essa descrição do cocô parece ser mais um indicativo de como estava sendo impossível dar um sentido através da cadeia significante para sua existência, que parecia se resumir em ser o objeto-cocô que fazia a privada estar viva. Não estava havendo possibilidade de descolamento desse único lugar oferecido a Pedro.

Os significantes apareciam soltos na fala de Pedro e parecia necessária a construção de um contorno, uma borda para esse gozo, um basta a essa invasão no real. Digo que o cocô apodreceu e não servia mais, que a privada poderia pensar que sim, mas o cocô sabia que não. A partir desses dois significantes: cocô e privada, experimento

propor-lhe a construção de uma privada para que esse cocô saísse de lá. Não se tratava de procurar desfazer os nós da malha significativa como em uma neurose, mas, pelo contrário, oferecer uma possibilidade de amarração para uma rede discursiva.

A partir daí ele constrói uma sequência muito interessante. Diante da privada, os cocôs são separados. Esses cocôs vão para o lixo e são queimados. Depois, é feita uma descarga. Essa descarga funciona como uma bomba que faz a privada explodir. Repete essa operação em várias sessões. Até que essa privada explode de vez e ele *inventa* “a caixa transformadora de coisas de cocô em coisas de tudo”. Ele resolve trazer de casa uma caixa, que sua mãe lhe dá, para guardar as coisas transformadas.

Nesse segundo tempo, ele faz uma construção chamada *cabana* – em que muda de lugar todos os móveis da sala de atendimento e fica brincando lá dentro – já não se trata mais da “explosão” dispersa, mas há um significante que a nomeia.

Até que, pela primeira vez, aparece a indicação de um ponto de referência para o que ele quer. Ele diz que não quer ser nem menina, nem moleque, quer ser menino. Conta que quer ser bom na vida e que por isso escreverá uma carta ao Papai Noel que vive no *polo Norte*. E ele pergunta: “*Que papai é esse?*”. Para ser algo que não um cocô, seria necessário chegar ao Papai Noel.

### **O terceiro tempo – Rumo ao polo Norte**

A partir de um passeio que faz com o pai, surge a história do elevador. Há um elevador de serviço no prédio que *sobe e desce* e “*uma mulher fica sempre de fora*”. “O elevador fica cansado” de *subir e descer*. “*O elevador social era perfeito até que começa a não fazer tudo o que a mulher quer e ela dá palmada nele*”. Diz que a mulher quer matar o elevador, por isso procura ele, mas não tem jeito, a não ser que morram o elevador e a mulher. O elevador quer se separar da mulher. O elevador resolve levar a mulher até o “*polo Norte*” – é muito interessante porque o significante “*p*” tem uma homofonia ao nome dele, que é o mesmo nome do pai. Como o elevador se cansou dela, ele precisa matá-la. “*Ou deixa ela dentro do elevador até ela ficar velhinha ou deixa ela lá no polo Norte e volta correndo*”. O elevador tenta, mas ela vem atrás, ele muda de edifício, mas ela vem atrás. Nome dos edifícios: 1) Amor sem Fim; 2) Palermo Dois. Mais tarde o elevador foi para a Itália. “*O elevador social ficou desligado depois que a mulher morreu e precisa dos homens que fazem a ligação pois está sem energia, mas os homens não entraram na história ainda*”.

Nessa sua tentativa de dar conta dessa mulher, ele utiliza o recurso do Titanic. Durante um bom tempo, ele vai utilizar a história do navio que errou seu caminho e foi parar no *polo Norte*. Como acelerou demais, quebrou. Em várias sessões ele faz um navio quebrar e afundar – ele fica apenas olhando. Com a história do Titanic começam a aparecer elementos em torno do tesouro e do fundo do mar, mas sua atenção parece estar mais voltada à existência dos pontos turísticos: Torre de Pisa, Estátua da Liberdade, Torre Eiffel, Big Ben.

Vou apresentar para vocês um desenho que ele faz nesse momento de seu tratamento que me parece fundamental para indicar uma tentativa de juntar os elementos de suas histórias. Um movimento na transferência, sustentado por um desejo de sua analista de que isso fosse possível.



Ele desenha a rota do navio, mas usando o elevador – que aqui não mais apenas sobe e desce –, incluindo os países respectivos aos pontos turísticos. Esse elevador deveria levar a Estátua da Liberdade até os EUA, mas erra o caminho e ele desenha o *polo Norte*. Chama-me a atenção que esse polo Norte se torna o ponto para o qual as rotas convergem, um ponto de fixação que orienta esse elevador. Ao mesmo tempo ele faz uma borda em torno dessas rotas. Mas o navio fica de fora, não há ligação entre o elevador e o navio, pelo contrário, ele iniciou um contorno separando o navio da história do elevador. Embora pareçam se juntar, as histórias correm em paralelo, justamente é essa sua dificuldade, poder fazer uma cadeia significante entre navio/elevador para que um represente o outro. (Essa questão se assemelha ao seu problema de escrita – ele não consegue juntar as letras e formar palavras, elas não têm sentido).

A partir daí, ele trabalha com a história do tesouro, com aquilo que *sobra da quebra do navio*. Ele vai tentar resgatar esse tesouro. Há um mergulhador e monstros a serem enfrentados. Esse mergulhador deve levar o tesouro ao dono, eles iam ter uma reunião. O mergulhador acha o tesouro, mas o dono pôs uma armadilha no caminho *“porque ele era homem e achava que o mergulhador ia conseguir, mas o mergulhador não sabia”*.

É muito interessante que ele para no momento de ter a reunião com o dono e retoma o jogo de damas da primeira sessão, fazendo as peças se comerem e explodirem tal como na primeira vez. Ou seja, temos aqui mais uma prova de que há algo que não se sustenta no significante, há uma ameaça de invasão do gozo quando ele se depara com a impossibilidade do mergulhador.

Ele passa algumas sessões tratando desse caminho a ser percorrido. Faz um túnel com um fantasma no final, faz um labirinto com torres que caem. Fica angustiado e diz: *“quero as coisas retas, se não, não vão dar valor para mim”*. Diz que fica *parado, perdendo tempo*. *“Detesto as coisas demoradas”*.

Ele conta a história do que aconteceu com a Torre de Pisa – um dos pontos turísticos – e com o Templo de Zeus. A Torre de Pisa entortou porque “o chão não estava firme. Os culpados foram o dono que não fez a obra e o que pôs cimento que não durava muito *tempo*”. Sobre o Templo:

*bem feito para os donos do templo porque achavam o templo uma porcaria, palhaçada, até ficavam rindo. Depois que ele caiu, todo mundo ficou triste, mas eles queriam que caísse. Ele caiu no mar e ficou lá no fundo, sossegado. Eles não davam valor para o Templo. O trono ficou torto e as torres também.*

Resolve *explodir* seu labirinto para virar uma coisa nova. Surge então o videogame do Mário. É com o Mário, o Pink e o Pikachú que Pedro vai encontrar as várias formas de enfrentar seus chefões. A partir do momento em que ele começa a enfrentar os chefões para poder ficar com o tesouro, ele consegue fazer o *jóquei-pôr* com três elementos.

Fiz esse terceiro recorte do tratamento de Pedro, pois ele me parece muito diferente dos outros em relação à produção significativa, pois acredito que ele tenha conseguido encontrar elementos seus para fazer uma borda à sua experiência de objeto de gozo do Outro. À medida que constrói uma história sobre essa relação do elevador e a mulher, supondo um polo Norte, para onde converge também o navio, fico com a impressão de que ele pôde se proteger da constante ameaça de explosão. Fiquei pensando se o tesouro do fundo do mar, difícil de ser conquistado, mas que tem um dono, não estaria apontando para a existência de um falo, ainda que imaginário, como um terceiro elemento que pudesse mediar sua relação com o Outro. Talvez por isso ele tenha conseguido introduzir um terceiro elemento no *jóquei-pôr*.

Ao longo de seu tratamento, parece que Pedro procurava encontrar uma forma de se defender do Outro, seja furando os olhos dos inimigos, seja tampando o tesouro que fabrica com uma fita crepe, ameaçado sempre pela invasão do gozo. Ele diz angustiado: *"eu acho que nunca vou conseguir fazer lição direito, longe do meu pai e da minha mãe"* ou *"nenhum filho se separa da mãe, né?"*. Trata-se de uma questão sua, ou de uma certeza para a qual ele pede uma testemunha, alguém que confirme sua afirmação, um parceiro para sua construção?

Esse tratamento foi interrompido pelos pais, mesmo com o pedido de Pedro para que não parasse de vir. Antes de terminar, ele estava construindo a seguinte sequência: havia dois Pinks. Duas pessoas diferentes de nomes iguais. Eles tinham negócios para consertarem juntos, era um bueiro, um cano de esgoto. Eles vão consertar uma caixa d'água, a água pinga e atrapalha o elevador.

Em suas últimas sessões, diz que o Mario (figura presente em seu videogame) tinha aulas de leitura e tinha também saber para poder passar pelo corredor e escapar das bombas. Ele deve escrever uma carta para o Pikachu – que me faz pensar na carta que ele deveria escrever para o Papai Noel para ser um bom menino – dizendo que está sentindo sua falta e vai livrá-lo do dragão. Mas nessa carta faltam letras e o Pikachu não vai entender a mensagem (mais uma vez penso em sua dificuldade de escrita).

Mesmo com o tratamento interrompido, há uma borda que ele pôde construir. Não podemos saber o que Pedro poderá encontrar em seu caminho, mas, quem sabe, esse polo Norte possa continuar sendo o endereço que fará sua carta, um dia, poder circular.

## Referências

- LACAN, Jaques (1969). Duas notas sobre a criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- (1969/1970). *O Seminário: livro 17 – O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- SAURET, Marie Jean (1997). O Infantil e a Estrutura. Trad. de Silmia Sobreira. São Paulo, editado pela Escola Brasileira de Psicanálise. In: CONFERÊNCIAS EM SÃO PAULO, de 29 a 31 de agosto de 1997. São Paulo. *Anais...* 1998.

*Recebido em 30/7/2013; Aprovado em 15/9/2013.*